

CULTURA(S): INTERCULTURALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO





POVOS TERRITÓRIOS SABERES DA TERRA INTERCULTURALIDADE **MOVIMENTOS SOCIAS SUSTENTABILIDADE**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Aloísio Mercadante

Secretário de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

Macaé Maria Evaristo dos Santos

Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo

Antônio Lídio de Mattos Zambon

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Prof. Dr. Reinaldo Centuducati

Pró-Reitoria de Extensão

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo

Coordenação da UAB/UFES

Profa. Ms. Maria José Campos Rodrigues

Centro de Educação/UFES

Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Mendes Gontijo

Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES

Profa. Dra. Cleonara Schwartz

Programa de Educação do Campo

Prof. Dr. Erineu Foerste

Profa. Dra. Gerda Margit Schütz Foerste

CULTURA(S): INTERCULTURALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Organizadoras

Adriana Vieira Guedes Hartwig
Arlete M. Pinheiro Schubert



VITÓRIA 2014

© 2014 Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

Instituições Parceiras

Universidade Aberta do Brasil

Universidade Federal do Espírito Santo

União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo

Movimento dos Pequenos Agricultores

Movimento Sem Terra

Movimento de Educação Promocional do Estado do Espírito Santo

Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo

Associação Pomerana de Pancas

Associação de Cultura e Lingua Alemã do Espírito Santo

Conselho Editorial

Adelar Pizetta

Erineu Foerste

Elida Maria Fiorot Costalonga

Janinha Gerke de Jesus

Gerda Margit Schütz Foerste

Maria Aparecida Trarbach

Paulo Scarim

Ozirlei Teresa Marcilino

Rogério Omar Caliari

Grupo de Pesquisa (CNPq/UFES): Culturas, Parcerias e Educação do Campo

Adriana Vieira Guedes Hartuwig

Ana Flávia Souza Sofiste

Arlete Maria Pinheiro Schubert

Charles Moreto

Claúdio Cari

Fábio Mota Salvador

Jandira Marquardt Dettmann

Janinha Gerke de Jesus

José Pacheco de Jesus

Iúlio de Souza Santos

Laura Maria Bassani Muri

Leticia Queiroz de Carvalho

Maria Madalena Fernandes Caetano Poleto Oliveira

Marleide Pimentel Miranda Gava

Ozirlei Teresa Marcilino

Rachel Curto Machado Moreira

Rachel Reis Menezes

Rogério Omar Caliari

Roseli Gonoring Hehr

Sabrina Barbosa Garcia de Albuquerque

Sintia Bausen Küster

Sonia Francisco Clen

Walkyria Barcelos Sperandio

Revisão de Conteúdo

Prof. Dr. Rogério Omar Caliari Sabrina Albuquerque

Júlio Santos

Revisão

Elida Maria Fiorot Costalonga

Projeto Gráfico e Diagramação

Edileison Pereira Honorato

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	.09
UNIDADE I CULTURA, CULTURAS, CULTURA POPULAR	
E EDUCAÇÃO	11
E EDUCAÇÃO ENTREVISTA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO	13
PAPEL DA ESCOLA E DA MÍDIA	20
DIÁLOGOS SOBRE CULTURA(S), INTERCULTURALIDADE E INTERDISCII NARIDADE	PLI-
2.INTERCULTURALIDADE	.JJ
3. DISCIPLINA ESCOLAR E INTERDISCIPLINARIDADE	.39
REFERÊNCIAS	.43
LEITURA COMPLEMENTAR	.44



O módulo II discutirá Cultura(s), Interculturalidade e Interdisciplinaridade na Educação do Campo a partir da abordagem teórico-prática dos conceitos e de sua relação com a produção do conhecimento em suas diferentes áreas, a partir de dois eixos temáticos, com duração de 4 semanas de estudo para cada um deles. Os textos deste módulo compõem a base teórica, sobretudo, para a compreensão de três importantes abordagens que atravessam a Educação do Campo, são elas: Cultura, Interculturalidade e Interdisciplinaridade.

O reconhecimento dessas noções em sua própria experiência educativa instigará o(a) cursista a considerar que a proposta da Educação do Campo não deve dispensar essas perspectivas em sua análise.

O primeiro texto, **Cultura, Culturas, Cultura Popular e Educação**, com entrevista de Carlos Rodrigues Brandão, introduz o (a) cursista no debate sobre os principais conceitos a serem trabalhados no módulo e realiza as primeiras aproximações entre práticas, teorias e/ou campos de saberes de professores/as, alunos/as, e de manifestações educativas tais como aparecem nas experiências de vida, nos documentos, nos registros ligados ao próprio contexto e a conjuntura, considerando religiosidades, crenças, mitos, costumes e tradições.



O segundo texto **Diálogos sobre Cultura(s), interculturalidade e interdisciplinaridade** de Adriana Vieira Guedes Hartwig e Arlete Pinheiro Schubert se pauta na reflexão crítica sobre as diferentes compreensões atribuídas ao termo *cultura*, em diversos contextos e tempos históricos, para uma compreensão das concepções que direcionam a escolha de conhecimentos escolares e das práticas pedagógicas desenvolvidas, influenciando diretamente a constituição de identidades.



As questões tratadas neste módulo tocam no cerne da relação entre educação dos povos e o padrão único de civilização. A crítica às racionalidades que regem a existência na nossa sociedade nos move ao aprendizado e à intervenção em processos e mecanismos de discriminação, exclusão e desigualdade. Portanto, como objetivo deste módulo, propomos um estudo que possibilite ao cursista a compreensão e a articulação das experiências dos diversos contextos da vida em que se encontra inserido.

Nessa direção, as atividades propostas pretendem remeter o (a) cursista às práticas educativas vividas em seus diferentes contextos socioculturais, que serão registrados na escrita de um *memorial* no qual se levará em consideração manifestações culturais, experiências e a inserção do/a aluno/a no seu coletivo comunitário.

Bom estudo! Adriana e Arlete





TEXTO I

CULTURA, CULTURAS, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

Nome: Carlos Rodrigues Brandão

Atuação: Professor e pesquisador da UNICAMP. Atua na área de Antropologia com ênfase em Antropologia Rural, Antropologia da Religião e Antropologia e Ambiente, atuando principalmente nos temas: cultura, cultura popular, educação popular e educação ambiental.

Obras: Autor de diversos livros, dentre eles:O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2006.A Educação Popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002. v. I.A Educação como Cultura. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2002. v. I.

As culturas não são desiguais, não há uma hierarquia, as culturas indígenas não são culturas rústicas, ou sertanejas, empobrecidas e as culturas rústicas e sertanejas não são culturas civilizadas empobrecidas. Elas são culturas diferenciadas, a relação entre elas é uma relação entre diferenças.

ENTREVISTA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Salto: Qual o sentido de cultura e cultura popular?

Brandão: Cantos, danças, pinturas rupestres ou então, fotografias digitais, crenças, filosofias, visões de mundo, tudo aquilo que nós construímos com as imagens, com os símbolos, com os significados, com os sentidos, com os saberes, os sentimentos, que nós, inclusive, partilhamos quando habitamos uma cultura. Tudo isso faz parte de uma outra dimensão da cultura que nos acompanha e nos torna humanos. Nós não apenas criamos cultura enquanto seres humanos, quando aprendemos a nos colocarmos frente a natureza e a transformá-la. Mas também estamos rodeados, cercados, o tempo, todo, de símbolos, de significados.



O que eu tenho de meu? O que nós temos de nosso para mostrar como o que é nosso, como aquilo que nós criamos e que nos faz iguais a ingleses, a iranianos, a mexicanos e argentinos, porque todos de uma mesma espécie humana, mas diferentes, porque é uma gente de um lugar, socializada dentro de uma língua, com costumes, com gramáticas sociais, com visões de mundo, com tradições culturais próprias. O que nós temos para mostrar, em grande medida é, primeiro: a cultura do lugar, a cultura paranaense, cultura mineira, cultura carioca e, depois, dentro de cultura do lugar, as diferentes culturas que eu posso vivenciar, em Belém do Pará, em São Luiz, no Rio de Janeiro e em qualquer outra cidade.



As culturas não têm todas o mesmo destino, não devem seguir todas a mesma trajetória, assim como as pessoas que nós convivemos não estão todas condenadas a viverem de um modo semelhante ou igual, a estudarem de um único modo, a crerem num único Deus, e da mesma maneira. O que faz a imensa riqueza da experiência humana é que, ao contrário dos gorilas, ou dos chipanzés, nascemos seres de uma mesma espécie com diferenças inexistentes, dentro daquilo que, antigamente, se chamava de raças. Nós somos seres únicos, somos absolutamente idênticos do ponto de vista de identidade, do ponto de vista de inteligência e de desenvolvimento, somos potencialmente de uma mesma espécie. Por outro lado, nós hoje em dia compreendemos que, cada pessoa, isso vale inclusive para as crianças e os jovens de uma turma de estudante, cada pessoa, cada uma de nós, quem quer que seja, independentemente de quem seja, do ponto de vista de qualquer classificação ou preconceito, é uma fonte absolutamente original, peculiar e única de conhecimento, de saber, de vivência, de experiência. E se isso é verdadeiro com uma pessoa, diante de outra pessoa, na relação entre as culturas é mais ainda. As culturas não são desiguais, não há uma hierarquia, as culturas indígenas não são culturas rústicas, ou sertanejas, empobrecidas e as culturas rústicas e sertanejas não são culturas civilizadas empobrecidas. Elas são culturas diferenciadas, a relação entre elas é uma relação entre diferenças.

As nossas culturas populares, que também são plurais, muitas vezes nós usamos essa palavra no singular, como uma espécie de um grande guarda-chuva para falar do povo brasileiro em oposição a essas culturas eruditas, acadêmicas, e assim por diante. Mas, na verdade, tal como acontece com as línguas, que são uma dimensão da cultura, dentre outras, elas são plurais, elas são múltiplas. Quantas línguas são faladas no Brasil? Muita gente pensa, até ensina na escola, que seriam 7, 8, 10 línguas: português, espanhol, italiano dos imigrantes, polonês, alemão, ucraniano, mas só línguas indígenas nós temos 175, nós somos um país multiétnico, multilingüístico, multicultural. A grande riqueza da experiência humana é que somos iguais, mas somos absolutamente diferentes naquilo que nos iguala.

Salto: Qual o sentido das festas nas culturas populares?

Brandão: O lado da festa em nós existe porque nós não sabemos

viver sem retornar, retomar essa experiência da gratuidade, da espontaneidade, do estar com o outro, não para produzir alguma coisa, uma utilidade com o outro, como a gente faz quando está trabalhando, mas para conviver, para conviver através de símbolos, através de significados, através de beleza, através do canto, da dança, da dramatização. Mas existe um outro lado na festa, no ritual, no celebrar e esse talvez seja o mais antropológico, nós somos também a única espécie que aprendeu a sobreviver porque aprendeu a tirar algo de si e destinar ao outro. Por exemplo, as mães chimpanzés cuidam dos seus filhinhos com muito esmero, mas quando eles desmamam e começam a se bastar para si, elas os abandonam. Eles vão conviver com um bando. E aquela mãe vai se preparar para ter uma outra cria e repetir o mesmo cuidado. Nós somos a única espécie que, desde a aurora da humanidade, desde que nós nos tornamos humanos, toma alimentos e os destina a outras pessoas. Nós somos a única espécie que criou formas de relação entre pessoas que são permeados por leis sociais, que nos obrigam a um contínuo "intertrocar", entre nós, serviços, prestações de serviços, bens, que muitas vezes nós chamamos de presentes, mensagens, significações, saberes. Numa conversa, num momento de festa na escola, numa formatura ou durante a recepção de uma nova turma de alunos, nós estamos, simbolicamente, no que comemos, no que bebemos, na maneira como decoramos o ambiente, na maneira pela qual alguém vem e diz alguma coisa. Nós estamos entremeando essa reciprocidade através da qual nós nos tornamos humanos, e criamos

significados. A festa é o momento em que uma pessoa, um par de pessoas, de preferência uma família, uma parentela, uma comunidade, um grupo de amigos, ou seja lá quem for, às vezes até uma multidão, se reúne para viver o momento em que o que se troca não são tanto bens, bens materiais, coisas utilitárias, como numa situação de trabalho, mas trocam-se afetos, símbolos, significados, identidades, estimas. Isso se faz com a música, com o canto, com a dança, com as fantasias, com as roupas, com as dramatizações.

Salto: E no caso das festas populares? Qual seria a marca dessas festas, as relações entre tradição, enigma a perpetuação e, ao mesmo tempo, renovação de rituais, de celebrações e comemorações?

Brandão: Quando chega o Natal aqui no Brasil, uma imensa quantidade de pessoas, lastimavelmente, vive um Natal de shopping, onde há sempre um Papai Noel, que é fotografado com crianças, uma árvore de natal coberta com algodão para fingir que aquilo é neve, a figura das renas e uma série de músicas muito bonitas: "Noite Feliz", "Jingle Bells", que de repente são formas de celebrações bonitas, mas que vêm de outro mundo. São universais, esparramam-se por boa parte, pelo menos do mundo cristão. Enquanto isso está acontecendo em Copacabana (RJ), Morumbi (SP) ou num bairro de Belo Horizonte (MG) e, muito provável que em um número enorme, seria incontável, de periferias de cidades pelos Brasis afora ou então, de lugarejos rurais, às vezes, inclusive, muito distantes uns dos outros. Santa Catarina, Pernambuco, Maranhão, e Sertão de Minas, pequenos grupos de pessoas, que são artistas, tocam instrumentos, violões, violas, pandeiros, caixas e que vêm com roupas com fitas, às vezes até acompanhados de uns palhaços mascarados. Essas pessoas vão de casa em casa. Não apenas cantando, não também representando qualquer coisa, mas vão anunciando às pessoas da casa o momento do Evangelho cristão que é o momento do nascimento de Cristo. E eles se apresentam como os Santos Reis, os emissários Santos Reis. Nós estamos falando de uma folia de Santos Reis. De um ritual, de uma celebração que é parte do que nós chamamos, tradicionalmente, catolicismo popular ou religião popular ou religiosidade popular e que tem algumas características muito especiais. Primeiro, que é absolutamente nosso, ainda que talvez, na sua origem, tenha vindo de Portugal. Em segundo lugar, é alguma coisa muito marcada do que nós chamamos de tradição popular.

O que nós vemos na folia? Se uma pessoa chegar num momento culminante da Folia de Santos Reis, que é dia da festa de Santos Reis, normalmente no 6 de janeiro. Se a pessoa vai com um olhar muito apressado, ela vai ver uma festa parecida com qualquer outra, ela vai ver bandeirinhas, lugares ornamentados, comilança, pessoas na cozinha fazendo comidas, umas pessoas cantando, outras brincando, meninos, um homem vestido de palhaço, correndo atrás de crianças, tudo fica meio parecido com outra festa qualquer. Se ela olhar mais de perto, ela vai ver uma característica muito própria das culturas populares, a que marca uma diferença entre elas e as nossas culturas, digamos, mais eruditas, mais urbanas, é que normalmente são festas para todos, são festas abertas, você não precisa pedir licença para chegar e participar. Vamos dizer que a pessoa que chegar à festa converse com um mestre, um coordenador do grupo em geral, o artista mais velho, que até forma as outras pessoas que cantam, que tocam instrumentos. O mestre vai dizer, primeiro, que aquilo é muito antigo, muitas vezes até ele vai desfiar uma fileira de parentes: "Ah! Isso foi meu bisavô que passou para o meu avô...". Isso é muito comum não só aí na folia, mas em várias outras festas, cerimoniais, rituais religiosos ou não, aqui no Brasil das culturas populares. As vezes, até ele vai associar os acontecimentos muito antigos, ou ele vai dizer que veio do começo do mundo, ou ele vai dizer que isso veio desde quando os reis magos, há milhares de anos, foram visitar o menino Jesus. Então, nós fazemos isso numa memória daquele acontecimento. Ele pode até dizer que nós representamos os três Reis, ou, então, nós somos os três Reis, estamos a caminho de Belém para visitar o menino Jesus. E ele vai, inclusive, demarcar essas situações, porque é preciso ter um conhecimento da folia, aí são as pessoas que eu treinei, que eu ensinei, aqui está meu filho, está meu neto, meu cunhado, participam do meu grupo, eu mesmo sou folião há 30, 40 anos. Mais qualquer pessoa pode vir para pagar uma promessa, acompanhar, pode participar da festa, pode participar. São acontecimentos cerimoniais permeados de símbolos, de significados próprios de um povo que a gente não pode esquecer que é, normalmente, povo num duplo sentido da palavra. Povo, porque é gente camponesa,

gente operária, são as pessoas que muitas vezes, quando chegam ao Ensino Médio, em termos da formação escolar, já é muito. E povo no

sentido de que, sobretudo, numa sociedade desigual como o Brasil, uma sociedade ainda tão marcada por desigualdades sociais e por exclusões é, normalmente quem ficou na periferia, quem ficou na periferia, é gente posta à margem.



Daqueles que justamente criam e recriam os Quilombos negros, ou, então nas nossas comunidades rurais camponesas pobres, ou então, nas nossas periferias pobres das cidades, essas inúmeras tradições que são populares nesse duplo sentido, porque são culturalmente um fio ao longo da história de gentes do povo, do Brasil, e populares porque em grande medida são experiências vividas por pessoas mais pobres, muitas vezes até mais postas realmente à margem numa sociedade tão brutalmente excludente como a nossa.



Salto: Apesar mídia não enfocar muito essas manifestações, não valorizar e muitas vezes simplificar, de certa maneira, elas sobrevivem, revivem e se renovam. Como entender esse processo todo?

Brandão: Existem explicações históricas e teorias, algumas até muito elaboradas e complicadas, para isso. Há pouquinho tempo, eu vi um documentário na televisão mostrando uma cidade muito isolada na Sibéria, na Rússia, onde há uma igreja, mais ou menos em ruínas, muito antiga. E a igreja absolutamente cheia de fiéis e o comentarista diz: "Após 70 anos de proselitismo ateu em toda a Rússia, nem bem ele saiu deu lugar a um novo tipo de sociedade. Muito do que estava reprimido, sepultado, proibido, como tradições religiosas ou outras tradições do povo ou povos da Rússia reemergiu com uma força inacreditável. Nada mais repleto de gente do que as igrejas e nada mais praticável nas igrejas do que um cristianismo russo muito tradicional, como se ele viesse do século XIX ou de outros séculos, e rompesse de novo em pleno século XX. E esse fenômeno é universal. A maneira mais simples de compreender isso é ouvindo as próprias pessoas do povo. Quando a gente vai conversar com uma mãe-de- santo, com um artista do barro do Jequitinhonha, um mestre da Folia de Santos Reis, com um dançador de Congo, com um capitão de terno de Moçambique, essas pessoas de Norte a Sul do Brasil, homens e mulheres praticantes dos mais diferentes tipos e modalidades de cultura popular, cultura material, artesanato, cultura imaterial, se vocês quiserem, que vai desde o cordel até as festas populares do Bumba- Meu-Boi, eles quase sempre vão dizer: Isso é uma tradição que vem de muito longe, isso é alguma coisa que meu avô ensinou para o meu pai, meu pai ensinou para mim e eu quero ensinar para os meus filhos, para eles ensinarem para os netos. Na inocência dessa genealogia, essas pessoas estão quase que produzindo uma teoria popular da própria preservação e resistência das culturas populares. Eles até poderiam dizer: "nós não ganhamos nada com isso, ao contrário, nós até gastamos para que isso continue a ser realizado". Quantas vezes eu mesmo participei de situações no sul de Minas, mas também em Goiás e em regiões da Serra do Mar, em São Paulo, e que uma pessoa, por uma promessa feita a um santo ou, então, simplesmente pela alegria de ser um festeiro daquele ano, se endivida por 5 ou 6 anos, financeiramente, por promover uma festa, para recriar naquele ano. Apesar de toda a ajuda dos vizinhos, parentes, porque há toda uma partilha muito bonita, perdida nos nossos edifícios, nas nossas cidades, mas muito viva ainda nesses mundos populares.



A submissão de povos indígenas, de afrodescendentes, de nossa gente do povo aos poderes senhoriais, os poderes, não só econômicos, mas também políticos e também da mídia, nunca se realizou completamente, não se realizou com os escravos, não se realizou com nossos povos indígenas, não se realiza com a nossa gente do campo, com a nossa gente migrada para a cidade. Existe tanto no que é sagrado, como no que é profano, aquilo que é religioso, como aquilo que é apenas festa e alegria, um desejo, uma libido, uma vontade, uma vocação de continuar pondo na rua, fazendo existir aquilo que é próprio, aquilo que é deles, aquilo que traduz a nossa maneira de ser.

PAPEL DA ESCOLA E DA MÍDIA

Salto: Qual seria o papel da escola e da mídia, se elas pudessem trabalhar a favor dessas classes populares, dessa cultura popular, no sentido de estar junto, de promover, de incorporar, de se reconhecer...

Brandão: Essa é uma questão muito complexa. Eu poderia responder a você com a minha própria experiência. Eu poderia dizer o seguinte: Alguns dos melhores aprendizados que eu tive e sigo tendo a respeito de culturas populares, inclusive de outros povos, de lugares onde eu nunca fui, foi através da mídia, foi através de vídeos, de filmes, de programas culturais na televisão. Eu mesmo tenho uma coleção de discos de músicas etnográficas, de povos indígenas do Brasil. E de outros lugares,

vários do mundo, músicas indígenas, de camponeses. Não fossem

esses recursos, eu nunca ouviria essa música. Algumas dramatizações de culturas populares, às vezes, prestam um serviço muito grande, porque trazem e colocam a frente milhões de pessoas alguma coisa que é uma retradução de experiências culturais. Mas, por outro lado, muito das piores coisas que eu tenho visto acontecerem no mundo das culturas populares também, através, não só da mídia em si, mas de uma associação entre o interesse de apropriação das culturas populares como mercadoria, esse que é o problema fundamental. É, misturada com uma espécie de domesticação midiática das culturas populares, há uma tendência, por exemplo, a tomar grupos de Bumba-Meu-Boi, de São Luiz do

Maranhão, que secularmente se apresentam em suas comunidades, em dias próprios e com toda uma significação ritual, e colocar aquilo na porta do hotel. Ou colocar aquilo para ser filmado pela televisão e, de repente, ser cortado e aparecer em 3 minutos, como se tudo aquilo acontecesse segundo o olhar do programador da televisão. O que nós chamamos transformar o ritual, o que uma comunidade cria e vive, alguma coisa que ela cria a respeito dela mesma para ela mesma vivenciar num espetáculo fragmentado, deslocado, muitas vezes até perdido do seu sentido original para uma platéia assistir.



Salto: E qual o papel da escola?

Brandão: Então, desde o ensinar uma criança a falar "direito", que era esquecer a maneira de se falar para aprender uma forma letrada e única, de uma brasilidade inexistente, até esse apagamento das nossas tradições populares em nome, muitas vezes, de uma incorporação de valores universais que nos pareciam até desfigurados na nossa educação. Isso tudo realizou uma espécie de divórcio, de alheiamento entre o Brasil e as nossas culturas. Aliás, isso não aconteceu só aqui, de muitos modos, aconteceu em muitos outros países, é típico de todo um momento de visão, de progresso, de desenvolvimento, de branqueamento, de ocidentalização que estava muito compatível com aquilo que eu falei no começo. Isso foi feito de acordo com a visão de que as culturas indígenas, as culturas de tradição africana e culturas populares eram culturas do passado, eram culturas atrasadas, eram culturas a serem superadas em nome de uma cultura branca, letrada e erudita. É muito interessante que, enquanto isso está sendo realizado na educação brasileira, grandes nomes da nossa literatura, da nossa música, da nossa poesia, das nossas artes plásticas estão justamente se voltando para as culturas populares. José de Alencar, o romantismo brasileiro, a descoberta dos nossos índios, Euclides da Cunha escrevendo Os Sertões e trazendo para o Brasil todo o modo de ser e viver das gentes dos fundos da Bahia, mais tarde Mario de Andrade saindo

para o Brasil, pesquisando com equipamentos precaríssimos os nossos negros, os nossos indígenas, as nossas músicas e festas tradicionais. O movimento que vem do século 19, de redescoberta das nossas raízes, das nossas maneiras indígenas, negras, populares de ser, mas de certa maneira impermeável à educação. Hoje nós estamos vivendo um momento, não só aqui no Brasil, mas em vários lugares do mundo inteiro, nós descobrimos que a única maneira de nós nos universalizarmos, uma palavra melhor do que globalizar é estabelecermos diálogos entre nós e com aquilo que nos é próprio e peculiar, que está na raiz da

nossa identidade, da nossa maneira de ser.

Preservar culturas, eu tenho um pouco de dificuldade de lidar com essa expressão, às vezes eu gosto de dizer que uma cultura que precisa ser preservada para viver já morreu. O que eu quero dizer, uma das idéias fundamentais de quem estuda culturas, aí num sentido mais amplo, culturas populares, é que ou elas têm a sua própria vida ou não têm vida nenhuma, ou seja, toda a cultura de um povo indígena, de um terreiro de candomblé, a de uma comunidade rural do São Francisco, ela é viva e dinâmica, enquanto ela se faz de dentro para fora, enquanto ela se cria, enquanto ela é autônoma, enquanto ela

faz os seus próprios rumos. Quando ela começa a estabelecer vínculos, não de diálogos, que é uma coisa boa, inclusive com a própria escola, mas de dependência da mídia, do mundo empresarial, da prefeitura, ela está assinando o seu testamento. Então, o que eu acho que nós podemos fazer é criar condições para que, de uma maneira autônoma, criadores de cultura popular, desde uma pessoa individualmente até toda uma comunidade, possam recriar e possam viver da maneira mais livre e autêntica possível as suas próprias experiências de festas, de criações de cultura imaterial e assim por diante. Eu costumo dizer que se uma escola só se lembra das culturas populares na semana de 22 de agosto, é melhor não fazer coisa nenhuma.

Partir dessa visão "aulista", monológica de um professor ensinando aos alunos, quem sabe dando a quem não sabe, aquilo que Paulo Freire chamava de uma educação bancária, para uma educação dialógica que parte inclusive daquele princípio de que eu falava, de que cada criança, cada pessoa é uma fonte original de saberes, é uma experiência única e irrepetível de saberes. Ao mesmo tempo e no mesmo movimento, estabelecer uma relação diferente entre a escola e a comunidade. Eu sei que isso é muito difícil, algumas escolas conseguem e ganham muito com isso, que é tomar o lugar social em que uma escola está, numa zona rural, uma periferia de cidade, um lugar qualquer, um bairro, não como aquele lugar em que a escola acidentalmente está, mas como aquilo que eu chamo uma comunidade de acolhida. Eu costumo dizer que antes de a escola ter vindo para cá, aquele lugar já existia, e se ela for embora ele vai continuar existindo, a escola passa, pode ter uma vida longa e Deus queira que tenha, mas aquela é uma comunidade que tem uma vida própria.

A idéia é de uma cidade educadora, de fazer com que todo o bairro, toda pequena cidade, até mesmo uma grande cidade, se transforme num múltiplo, polissêmico lugar de experiências de inter-trocas de saberes de valores, de experiências de vida, de culturas, de culturas populares. E fazer com que a escola deixe de ser esse lugar trancado, que esse cenário de aulas só para os alunos se transforme num centro irradiador de cultura em diálogo constante com a comunidade.

O que nessa comunidade, nesse bairro, onde nós estamos, nessa periferia, nessa zona rural, o que é vivido pelas pessoas? Isso é cultura popular viva. Não tem mais Congada, não tem Folia de Reis, mas tem hip-hop, periferia de São Paulo, bota então hip-hop. Então, o que as pessoas estão vivendo, no seu cotidiano, no seu pensar, no seu sentir, no seu vivenciar, nas suas festas, nas suas celebrações, quantas coisas lindas estão acontecendo numa casa, numa Igreja, às vezes, até num bairro, num campo de futebol, a vida cultural de uma comunidade e

a escola, às vezes, é impermeável a esses acontecimentos. Não há comunidade, não há lugar nosso que não tenha os seus criadores populares de cultura, é preciso tentar incorporar a experiência cultural que se vive na escola com a experiência que se vive na comunidade local.

Ou seja, é essencial não trazer, de forma artificial, culturas populares para numa semana, num dia, colocar no palco da escola, mas interagir, integrar as várias dimensões das diferentes culturas brasileiras como coisas vivas que, justamente, existem e são significativas porque estão em permanente diálogo.

Então, o que eu estou sugerindo é que a escola não estabeleça essa separação entre o curricular, que é o erudito, o escolar, o normativo, o utilitário, o que realmente importa, do extracurricular, aquilo que entra pela porta do fundo, tem um dia, uma semana para aparecer e depois sumir, porque outra coisa vai ocupar o seu lugar. Mas que haja uma integração e que, de repente, pessoas da comunidade, sábios do lugar, memória da nossa gente que tem uma outra história para contar, o que é ser carioca, o que é ser mineiro, o que é existir numa escola da Lapa ou então em São Luís do Maranhão, ou então, na beira do Rio São Francisco, tudo isso que é não só uma cultura popular folclórica, mas uma experiência cultural enraizada na vida das pessoas, que dialogue com a própria escola.

Fonte: http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/carlos_brandao.htm

TEXTO 2

CULTURA(S), INTERCULTURALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE

* Adriana Vieira Guedes Hartuwig³ * Arlete M. Pinheiro Schubert⁴



Objetivos:

A partir da leitura e discussão com seu grupo de estudos e tutor você será capaz de:

- Conhecer diferentes aspectos do debate que consideram os conceitos de cultura; interculturalidade e interdisciplinaridade na educação do campo;
- Reconhecer e analisar a presença desses conceitos em sua própria experiência educativa (teórico-prática);
- Estimular memórias e narrativas sobre os temas abordados.

I- O QUE É CULTURA?

Para início de conversa é preciso ficar claro que existem diversas maneiras de situar, definir e interpretar o termo cultura. Atualmente têm-se intensificado pesquisas, debates e políticas que envolvem discussão e tentativas de definição de cultura. A polêmica e a polissemia de conceitos têm levado muitos estudiosos e pesquisadores das ciências sociais a afirmar que a busca por sua definição tem gerado mais perguntas do que respostas. Apesar disso, é preciso reconhecer que sua compreensão é fundamental para os estudos ligados às várias áreas das ciências sociais, especialmente para nós que atuamos no campo da educação.

Para Canclini (2007) alguns estudiosos pretendiam encontrar um paradigma científico que organizasse o saber sobre a cultura, mesmo reconhecendo coexistirem múltiplos paradigmas havia o anseio de eleger algum que tivesse maior capacidade explicativa. Porém, o relativismo epistemológico e o pensamento pós-moderno debilitaram, por caminhos distintos, a preocupação com a unicidade e a universalidade do conhecimento. Além disso, "A própria pluralidade de culturas contribui para a diversidade de paradigmas científicos, ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos de conhecimento com configurações muito variadas" (CANCLINI, 2007, p. 36).

³ Pedagoga da rede municipal e estadual de ensino do município de Santa Maria de Jetibá e professora da Faculdade da Região Serrana - FARESE. Trabalha com disciplinas ligadas à organização e desenvolvimento do currículo escolar da Educação Básica. É mestre em Educação pela UFES e desenvolve pesquisa sobre a Educação e Cultura Pomerana no ES. Publica trabalhos relacionados aos temas: Educação do Campo, Educação Infantil, Formação de professores, Cultura. e-mail: adrianavgh@yahoo.com.br

⁴ Integra a Comissão de Estudos Afrobrasileiro da Secretaria de Educação de Vitória/ES, possui graduação em História e mestrado em Educação pela UFES e especilalizações em Filosofia da religião (UFES) e em Culturas e Diversidade dos Povos Indígenas (Faculdades EST-RS). Desenvolve pesquisas sobre temas relacionados a educação e culturas; povos indígenas e temáticas etnicorracial. É professora de Rede de Educação de Vitória-ES e integra a Comissão de Estudos Afrobrasileiro (CEAFRO), atuando na formação de professores. Integra o grupo de pesquisa UFES/Cnpq E-mail: schubertarlete@gmail.com

Diante do reconhecimento de que todas as concepções intelectuais acerca de cultura são também construções especificas dos grupos sociais que as elaboram, Canclini (2007) não prefere a *priori* uma versão sobre os processos sociais, mas escolhe ouvir com igual atenção os diferentes relatos/narrativas quando falamos de *cultura*. Sendo assim, são apresentadas algumas noções.

As noções idealistas - A primeira noção apresentada se refere à cultura como "acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas" (CANCLINI, 2007, p. 37), quando se faz com que se assemelhe a educação, ilustração, refinamento e informação ampla.

Bauman (2005), explica que a palavra "cultura" entrou em nosso vocabulário dois séculos atrás como antônimo de "natureza", denotando características humanas que, em oposição aos inflexíveis fatos da natureza, "são produtos, resíduos ou efeitos colaterais das escolhas dos seres humanos. Feitas pelo homem, teoricamente podem ser por ele desfeitas" (BAUMAN, 2005, p. 67).

Cultura e Civilização - Estas noções possuem sustentação na filosofia idealista, elaborada pelos historiadores e filósofos alemães entre os séculos XVII e XIX. Entre esses, houve a diferenciação dos conceitos de *cultura* e *civilização*. O conceito de *cultura* passou a ser utilizado em relação ao processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos, ou seja, um processo de refinamento intelectual ou espiritual, diferindo assim do conceito de *civilização*, utilizado para designar, de maneira geral, o conjunto de traços, de fenômenos culturais relativos a um ideal de progresso intelectual, técnico, moral e social.



Canclini (2007) faz a crítica sobre esta distinção entre civilização e cultura dizendo que esta ideologia não é apropriada para a caracterização da cultura, pois essa concepção

Naturaliza a divisão entre o corporal e o mental, entre o material e o espiritual, e, portanto, a divisão do trabalho entre as classes e os grupos sociais que se dedicam a uma ou a outra dimensão. Naturaliza, igualmente, um conjunto de conhecimentos e gostos que seriam os únicos que valeria a pena difundir, formados numa história particular, a do ocidente moderno, concentrada na área europeia ou euro-norte-americana (CANCLINI, 2007, p. 37).



No século XIX, outro sentido de cultura muito difundido por teóricos do evolucionismo foi o de transpor a teoria de Darwin sobre a evolução do homem para o plano social e cultural. Para esses pensadores, a humanidade passaria por estágios de evolução cultural, de sociedades primitivas atéa o modelo civilizado. Essavisão justificava o estabelecimento de uma escala de civilização que colocava no topo as nações européias, e abaixo delas, as demais nações cujos povos eram considerados primitivos e selvagens. Foi a forma de impor certos conhecimentos como universais e alicerçá-los com base em determinados critérios de valor, estéticos, morais e cognitivos. Esse tipo de ideologia, por vezes, servia aos objetivos da colonização de outros territórios.

Alta Cultura e Baixa Cultura- A partir das ideias apresentadas surge a diferenciação entre alta cultura e baixa cultura. A "alta cultura" passou a funcionar como modelo daquilo que é culto, que possui valores intelectual e artístico, ao contrário da "baixa cultura" - sinônimo de uma cultura inferior.

Isso também explica a marca elitista que ganhou a concepção de cultura presente no imaginário social, vinculada à ideia de algo culto e ao grau de instrução adquirida por meio da escolarização, capaz de propiciar o acesso aos bens produzidos por uma sociedade, como obras de artes e a comportamentos sociais refinados. Entretanto, esta concepção a respeito do que realmente significa o termo "cultura", não permite dizer que o índio, o negro, ou o camponês, dentre outros, não possuem cultura.

Cultura, no entanto, " pode ser entendida como tudo aquilo que é produzido pelo ser humano" (CANDAU, 2002, p.72). Se for assim, toda pessoa humana é produtora de cultura independente de classe social a qual pertence e do acesso à escolarização formal.

A cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico. Envolve criação e recriação, é atividade, ação. É considerada também como um sistema de símbolos que fornece as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas

(CANDAU, 2002, p. 72).

A palavra "símbolo" em grego sumbolon significa "sinal de reconhecimento". Assim, os sujeitos que formam a sociedade usam e compartilham esses símbolos para expressar sua visão de mundo, valores, ethos e outros aspectos de sua cultura.



I.I AS CULTURAS SE REORGANIZAM E SE TRANSFORMAM , SÃO PROCESSOS E SÃO PRODUTOS

Para Geertz (1989), o estudo dos símbolos traz revelações sobre a cultura e confirma que nenhuma cultura é "pura", mas sim, impregnadas por outras culturas, da mesma maneira que os discursos são impregnados por outros discursos. Ao desenvolver concepções sobre a cultura, o autor afirma que a tentativa de desenvolver uma teoria interpretativa das culturas não podia se reter e se orientar por um conceito restrito ou reducionista de linguagem e cultura. Além disso, ele argumenta que a linguagem e a cultura são fenômenos complexos e em constantes movimentos de transformações e encontram-se interligados. A cultura e a linguagem jamais podem ser vistas como processos isolados das suas condições de produção, mas a interpretação que delas será feita vai depender do contexto a ser analisado.

Um conceito de cultura ainda muito vigente entre nós é pensar a cultura como um produto pronto e acabado, que permanece fixa, congelada ao longo dos anos. Outros traços também são a ela atribuídos como genuidade, pureza, autenticidade. Porém, a cultura deve deve ser entendida como processo dinâmico que se produz e se modifica, de acordo com os acontecimentos e o contexto social e histórico vivido.

Para Stuart Hall, a cultura não apenas "uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma arqueologia". Para ele,

[...] A cultura é uma produção. Tem sua matériaprima, seus recursos, seu "trabalho produtivo".

Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos de nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.(STUART HALL,2009, p. 43)

Ao mesmo tempo em que o autor favorece uma compreensão sobre o dinamismo da cultura, argumenta que os movimentos atuais da globalização provoca ações que subvertem cada vez mais os próprios modelos culturais herdados (essencializantes e homogeneizantes). Nessa dinâmica, desfaz os limites e desestabiliza as identidades fazendo com que muitas identidades não aceitem se sujeitar estar sujeitas ao plano da história, da política, da representação.

Grupos identitários que tentam construir e manter sua identidade cultural a partir de uma concepção fechada de cultura estão primordialmente em contato com um núcleo que acredita ser imutável e atemporal, ligando passado e presente numa linha ininterrupta. "Esse elo umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade" (Hall, 2009, p. 29)". "Tudo isso se configura como "um mito" – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados às nossas vidas e dar sentido à nossa história" (HALL, 2009, p. 29).

HALL chama de processo de tradução a situação na qual as pessoas retêm forte vínculo com suas tradições, mas sem a ilusão de fixar o passado. Negociam com as novas culturas com as quais estão em relação sem perder suas identidades. Segundo Hall (2005), a palavra "tradução" tem origem no latim e significa "transferir", "transportar entre fronteiras". Nesse caso, não se trata de transferir ou transportar um significado pronto e acabado, mas um significado que será construído a partir de uma dupla inscrição, que remete ao significado da língua original e, em seguida, quando imagina e modela novo significado na língua que será transmitido.

A seguir, nos BOX1, BOX2 e BOX3, ilustramos essa reflexão:

Os descendentes de pomeranos de Santa Maria de Jetibá (ES), inseridos numa comunidade de tradição oral, aprenderam no Brasil, a interagir com pelo menos três identidades, e falar três linguagens culturais (pomerano, alemão e português) e a negociar entre elas, sendo possível dizer que se tornaram "sujeitos traduzidos". Esse é um exemplo de cultural a ser descoberto, compreendido e visibilizado. hibridização⁵ Um indício de que a mudança social não é apenas herança da forma antiga de organização social pomerana é o fato de que a influência de traços, elementos e características culturais dos 'brasileiros', principalmente dos camponeses, é muito presente nos dias atuais entre os pomeranos e em muitos aspectos: na língua, alimentação, música "caipira", nos eventos festivos, vestuário, narrativas, etc. De acordo com a narrativa de pomeranos encontramos um exemplo sobre as relações estabelecidas entre tradição e mudança. Os referidos pomeranos mais idosos contam que suas mães diziam que os macacos, em especial, o Guariba e o Muriqui, espécies da região de Santa Maria de Jetibá, traziam os bebês . A figura da cegonha foi assim substituída pela figura do macaco, ilustrando a maneira dinâmica como que os discursos recentes incorporamesão incorporados aos discursos antigos. Existemalguns relatos que dizem que o (oua??) Guariba é uma nimal que prevê a chuva, pois revela as mudanças de tempo emitindo sons altíssimos. Dizem os pomeranos que "eles prenunciam chuva". Estas crenças "atribuem à figura do macaco um ser que é símbolo da fertilidade das mulheres e da terra, "[...] observamos, assim, que no imaginário pomerano está presente uma forte relação entre fecundidade animal, humana e agrária" (TRESSMANN, 2005, p. 166). No contexto interétnico entre pomeranos e brasileiros a própria cultura pomerana foi reordenada. "A adesão a novos costumes não se tratou de uma ruptura com a tradição, mas guarda relação de continuidade com as práticas culturais da época anterior à chegada ao Brasil" (TRESSMANN, 2005, p. 166).

⁵Partindo do pressuposto de que atualmente poucas culturas podem agora ser descritas como unidades estáveis e com limites de território delimitados, Canclini (2008), entende por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. As estruturas chamadas discretas formam o produto de hibridizações culturais. Trata-se de um movimento não puro, transitório e provisório. Além disso, o autor afirma que hibridização não é sinônimo de fusão sem contradições, mas, sim, que auxiliar nos processos de negociações interculturais recentes devido à ausência de projetos de modernização na América Latina.

Entre os indígenas, na transmissão de conhecimentos se reconhece o valor que é dado à tradição, especialmente são respeitados e considerados nessas tradições indígenas o valor da ação e o valor do exemplo (Notas sobre a educação na sociedade tupinambá. Fernandes, 1975, p. 44). Segundo observações do estudioso, "aprender fazendo" se constituía, tal como uma máxima, fundamental na filosofia educacional indígena: "mesmo antes que a significação das ações pudessem ser captadas e compartilhadas, os adultos envolviam os imaturos em suas atividades ou estimulavam a reprodução de situações análogas entre as crianças". Observando aspectos relativos ao nascimento, por exemplo, conforme cada realidade, cada pessoa implicada no nascimento terá grande importância na educação da criança, seja porque a recebe em suas mãos ou porque corta o cordão umbilical, ou dá o primeiro banho, após o nascimento. Algumas tradições são hoje reconhecidas em função das observações realizadas por Métraux (1979, p.84-85). Segundo ele, "o bebê, logo após o nascimento, era banhado no rio, depois do que, seu pai, ou o chamado 'compadre', achatava-lhe o nariz com o polegar. Em seguida, untavam-no de óleo e pintavam-no de urucu e de jenipapo [...]." Depois disso, os índios colocavam a criança em uma pequena rede, "pendurada entre dois esteios de madeira, fazendo-lhe, então, um Itamongavé, isto é, uma cerimônia religiosa de bom presságio [...]". Durante três dias o pai permanecia com a mulher e, "não comia qualquer carne, peixe ou sal, exceto uma farinha de nome ouic, feita de água pura; também não fazem nenhum trabalho, isto tudo até que o umbigo caia [...]. Durante todo esse período as mulheres observam uma abstinência maior e mais

Hábitos antigos possibilitaram a permanência do bebê com a mãe, que ficava preso ao seu corpo por uma tipóia, e ela não se afastava dele nos primeiros meses de vida. Tais condições, proporcionadas pelo modo cultural da comunidade, transmitiam segurança ao bebê, já que os afazeres permitidos nesse período como, coletar lenha, frutos, cozinhar, plantar não se constituíam razão para afastar o bebê do seu colo. O comportamento da mãe e do pai no momento do parto refletia uma projeção educativa, mas é necessário reconhecer que desde o início da colonização até as maneiras mais modernas de parto, provocaram alterações no tempo e nos modos da criança permanecer com a mãe no tempo de amamentação, o que implicou bruscas mudanças no processo educativo indígena.

prolongado do que a dos homens".

As situações e condições da inserção dos diferentes povos na sociedade brasileira mostram que nem sempre o que no passado era relevante para a educação indígena se encontra em cada cultura, na atualidade, e muito menos da mesma forma. Por isso, a análise da realidade deve atingir o mais possível cada caso e situação concreta da sociedade considerada, em se tratando de processos de perdas ou de transformações culturais.

Entre os africanos que foram obrigados a atravessa o oceano Atlântico em precárias embarcações para o Brasil, como escravos, se encontravam presente reis, rainhas, princesas, príncipes, ferreiros e sábios das tradições culturais, na arte da criação de gado, da produção agrícola, entre outros. Alem do trabalho escravo eles conseguiram reorganizar, em terras brasileiras, suas culturas, em condições adversas. Como forma de resistência cultural eles forjaram diferentes formas de existência e dentre elas agrupamentos de africanos conhecidos como quilombos, lugar de refúgio do cativeiro, onde trabalhavam, celebravam seus rituais e festejavam, escapando ao domínio dos senhores brancos. A palavra quilombo foi reapropriada, em nosso século pelos remanescentes de negros escravizados que habitam um território, agora para reivindicar direitos a terra, à educação e à cultura.

Entre os relevantes saberes tradicionais dos afrodescendentes está o relacionado ao cultivo da mandioca e à torrefação da farinha, transmitido há gerações por seus antepassados. Encontram-se também diversas técnicas de aproveitamento do produto e subproduto da mandioca como, diversos tipos de farinha, goma, de beijus, de bolos e mingaus.

Forte elemento musical, além do tambor, nas manifestações culturais de matriz africana encontra-se um arco musical denominado no Brasil de berimbau. Alguns mestres dizem que seu nome africano é Gunga, foi trazido pelos negros escravizados. Provavelmente esses arcos foram reinventados e introduzidos na resistência negra por meio de rodas de capoeira. Entre as manifestações culturais de resistência encontram-se também as congadas, uma manifestação católica e afrobrasileira em louvor a nossa senhora do Rosário e São Benedito e em homenagem aos reis e rainhas Congo. Para uns é uma religião, para outros uma celebração. Trata-se de um ritual que apresenta uma história através de sua religiosidade, com sua forma de registrar o passado, dialogando com o universo religioso, como uma forma de estar no mundo. Os congos conheciam as artimanhas de negociação com os brancos e com a igreja nas suas terras natais e nas novas terras. Instalados aqui a pelo menos dois séculos, souberam utilizá-las para homenagear seu rei e rainha Congo. (A cor da cultura. Modos de fazer. 2010, p. 67-73).

A cultura, portanto, é um processo contínuo de construção reinventada, recriada e transformada a todo momento a partir da interação social. Assim, não há como ser humano e viver uma vida humana fora do tecido social da cultura. Somos seres naturais e fazemos parte da natureza, mas a cultura é o que nos torna humanos. Somos seres culturais justamente por causa da nossa capacidade de transformar a natureza em nós e para nós criando sentidos, palavras, códigos, símbolos que só possuem significados a partir da interação e da reciprocidade que geram nossos saberes e aprendizagens próprios e locais, tão importantes como os universais.

Assim, precisamos aprender a pensar "transversalmente" as interações entre os universos de referências individuais e sociais adotando a mais ampla definição possível de cultura, uma definição que não adota uma visão da cultura demasiado restritiva e de não se centra num aspecto particular para definir o que a caracteriza.



Junto com Canclini (2007, p. 41), podemos assentir que "a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social." A cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social, sendo assim, não é algo que pareça sempre da mesma maneira.



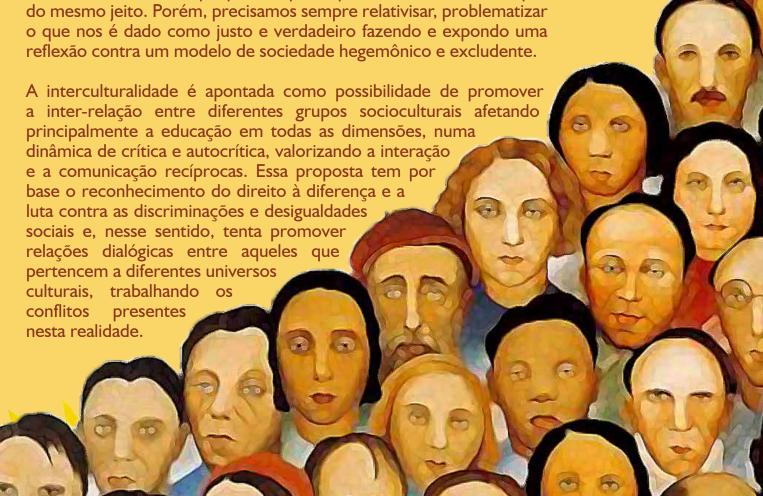


2. INTERCULTURALIDADE

A interculturalidade orienta processos que tem como base o reconhecimento e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a essa realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos, procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los.(AUTOR, ANO, P.)

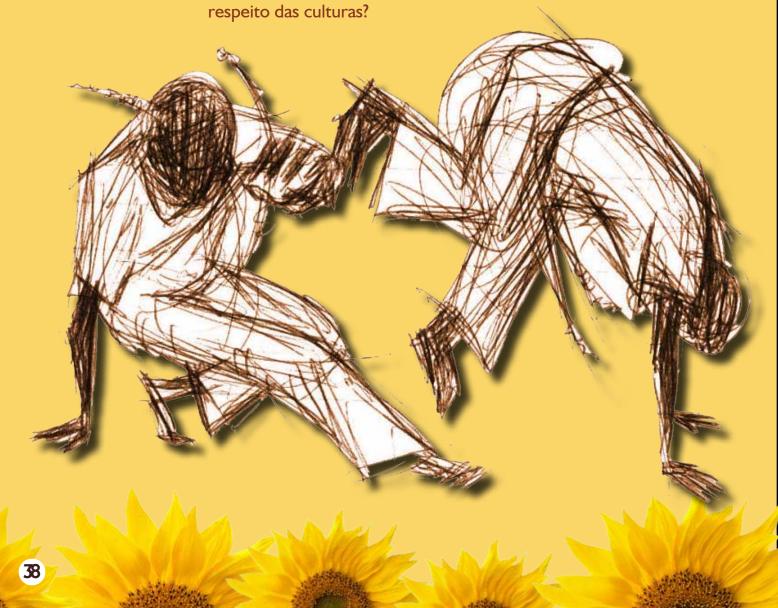
A palavra interculturalidade com seu prefixo *inter* indica uma relação entre sujeitos e forças, sugere também diferenças e possíveis conflitos. Portanto, falar de interculturalidade é assumir que grupos, pessoas, identidades interatuam, se influenciam, ainda que de maneira desigual por motivos econômicos, políticos, sociais, de classe, idade, religioso, etc. Em se tratando de educação, não é suficiente falar de conteúdos e valores interculturais, faz-se necessário transformar o método da disciplina.

O prefixo remete tanto a maneira de ver o outro, como a de ver a mim mesmo, considerando a visão que o outro tem de mim. Portanto, para promover uma educação intercultural é preciso enfrentar o desafio da mudança de olhar, é sempre difícil pensar além do que nos é dado e há momentos na vida que parece que o que nos é dado será sempre do mesmo jeito. Porém, precisamos sempre relativisar, problematizar o que nos é dado como justo e verdadeiro fazendo e expondo uma reflexão contra um modelo de sociedade hegemônico e excludente.

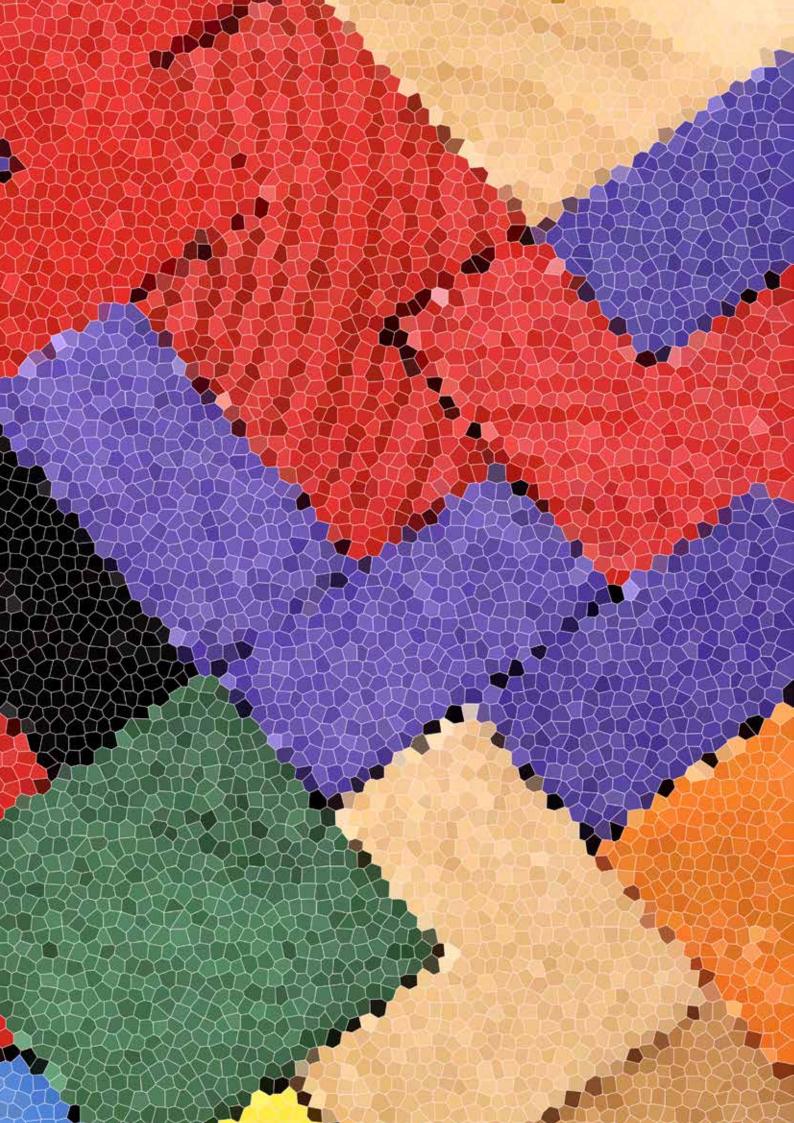


Este debate é uma questão que afeta muitas regiões do planeta. No caso específico do espírito santo, possui um significado especial devido à sua história constituída por episódios de escravidão do negro africano, pelo não reconhecimento dos povos indígenas, pelos processos migratórios internos, pelas levas de imigrantes europeus que sofreram a ausência de oferta de escolarização pública e a negação da língua, como é o caso dos pomeranos... Grupos que enfrentaram, e ainda enfrentam, dificuldades na afirmação de suas singularidades culturais, num mundo que se estrutura baseados em processos de homogeneização. Porém, na trajetória histórica desses conflitos, foram criados vários movimentos e estratégias de resistência, afinal as questões culturais e interculturais são permeadas por dimensões que abarcam problemáticas étnicas, econômicas, territoriais e políticas.

Diante desse debate, como a educação se relaciona com essas questões? Debater sobre as questões culturais na sala de aula é suficiente para afirmar que a interculturalidade se faz presente em nossas práticas educativas? Como garantir a interculturalidade presente no processo ensinoaprendizagem sem que se reduza a meras informações a







3. DISCIPLINA ESCOLAR E INTERDISCIPLINARIDADE

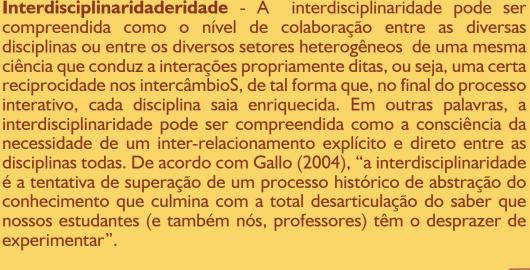


Disciplina Escolar - Conceituar disciplina escolar não é tarefa simples. A polêmica se insere em debates acadêmicos que se relacionam com outras divergências e convergências como: o papel da escola, transmissão, (re)produção de conhecimentos, relação professor-aluno... De qualquer maneira, podemos afirmar que as disciplinas escolares fazem parte de uma concepção de educação sistemática e intencional construída historicamente, a

educação escolar, porém se redefine de tempos em

tempos.

Alguns teóricos da educação reduzem as disciplinas escolares a uma simplificação do saber erudito e seriam dependentes do conhecimento científico que as legitima. Outros estudiosos consideram que a disciplina escolar deve ser compreendida como instrumento de poder social, cultural e político. Sendo assim, estaria ligado à compreensão do papel da escola, por exemplo, na divisão de classes.



Gallo (2004) também explica que as propostas interdisciplinares não surgiram de um mero acaso, pois desde meados do século XX, o movimento histórico de especialização e compartimentalização na produção de saberes percebe que não dá conta de responder algumas questões que a realidade promove. Evidenciam-se problemas que as ciências modernas, estanques e isoladas em suas identidades absolutas, não são capazes de solucionar e ás vezes, nem mesmo abordar.

A educação seria então uma área que apesar dos esforços para aceitá-la como umas ciências deveriam reconhecer o fato que ela é muito mais um espaço de interseção de saberes múltiplos. Sendo assim, a proposta interdisciplinar possui pontencial para ser pensada como possibilidade de promover o livre trânsito pelos saberes, rompendo barreiras da disciplinarização contribuindo para minimizar os efeitos limitados da compartimentalização dos saberes socialmente produzidos na sociedade. Alunos e professores, então, rompem com as "gavetinhas" estanques, que seriam as disciplinas isoladas. Todos passam a perceber que todos os conhecimentos vivenciados na escola são perspectivas diferentes de uma mesma realidade, como parte de uma totalidade.

Podemos concluir que muitas alterações paradigmáticas que ocorreram no campo da interculturalidade e da interdisciplinaridade tiveram origens na apropriação de aspectos de outras culturas, outras visões de mundo, outras racionalidades, sentimentos e atitudes. Nossos desafios, então, transitam em torno dos campos citados se configurando não apenas sob o ponto de vista epistemológico, mas especialmente em relação ao como fazer, pensar e praticar metodologias que promovam o diálogo e interações entre as culturas e as disciplinas no contexto das culturas escolares e dos movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Sigmundo. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. Diferentes, Desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- CANDAU, Vera Maria (org). Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas. In: Sociedade, educação e cultura(s). Petrópolis: Vozes, 2002.
- FORQUIN, Jean Claude. Escola e Cultura: as bases e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.
- GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In ALVES, Nilda e Garcia, Regina Leite (orgs). O sentido da escola. Rio de Janeiro. Editora:DP&A, 2004.
- GERRTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HARTUWIG, Adriana Vieira Guedes. Professsores(as) Pomeranos(as): um estudo de caso sobre o Programa de Educação Escolar – PROEPO – desenvolvido em Santa Maria de Jetibá-ES. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- Leituras complementares
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A canção das sete cores educando para a paz. São Paulo. Editora Contexto, 2005.
- _____. Educação? Educações: aprender com o índio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação? São Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. Vida, conhecimento, cultura e educação: algumas ideias provisórias. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento: Editorial Psy, 1995.





LEITURA COMPLEMENTAR

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A canção das sete cores educando para a paz. São Paulo. Editora Contexto, 2005.
- _____. Educação? Educações: aprender com o índio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação? São Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. Vida, conhecimento, cultura e educação: algumas ideias provisórias. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento: Editorial Psy, 1995.